



**Françoise Choay e os colaboradores do ateliê Le Corbusier,
subsídios para um estudo prosopográfico**
Uma entrevista com Ingrid Quintana-Guerrero

***Françoise Choay and collaborators from the Le Corbusier studio
subsidies for a prosopographic study: An interview with Ingrid
Quintana-Guerrero***

***Françoise Choay y colaboradores del estudio Le Corbusier,
subsídios para un estudio prosopográfico Una entrevista con Ingrid
Quintana-Guerrero***

PEIXOTO, Priscilla Alves¹
QUINTANA-GUERRERO, Ingrid²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, Brasil.
priscillapeixoto@fau.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-7809-2633>

² Universidad de los Andes (Uniandes), Departamento de Arquitectura da Faculdade de Arquitetura e Design,
Bogotá, Colombia.
i.quintana20@uniandes.edu.co
<https://orcid.org/0000-0001-9026-9457>

Recebido em 17/07/2023. Aceito em 24/01/2024.



Resumo

Ingrid Quintana-Guerrero é professora do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Design da Universidad de los Andes [Universidade dos Andes] (Uniandes), na Colômbia. Concedeu a presente entrevista à professora Priscilla Alves Peixoto, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A partir de suas pesquisas sobre a circulação de ideias, relata suas interlocuções com Françoise Choay sobre o ateliê de Le Corbusier situado na Rue de Sèvres, 35, por onde passaram arquitetos de várias nacionalidades, entre eles Rogelio Salmona e Iánnis Xenákis.

Palavras-chave: Françoise Choay; Le Corbusier; Rogelio Salmona; Iánnis Xenákis.

Abstract

Ingrid Quintana-Guerrero is a professor in the Department of Architecture at the Faculty of Architecture and Design at the Universidad de los Andes (Uniandes) in Colombia. She gave this interview to professor Priscilla Alves Peixoto from the School of Architecture and Urbanism at the Federal University of Rio de Janeiro. Based on her research into the circulation of ideas, she recounts her conversations with Françoise Choay about Le Corbusier's studio at 35 Rue de Sèvres, where architects of various nationalities passed through, including Rogelio Salmona and Iánnis Xenákis.

Keywords: Françoise Choay; Le Corbusier; Rogelio Salmona; Iánnis Xenákis.

Resumen

Ingrid Quintana-Guerrero es profesora del Departamento de Arquitectura de la Facultad de Arquitectura y Diseño de la Universidad de los Andes (Uniandes), en Colombia. Concedió esta entrevista a la profesora Priscilla Alves Peixoto, de la Escuela de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Río de Janeiro. A partir de sus investigaciones sobre la circulación de ideas, relata sus conversaciones con Françoise Choay sobre el estudio de Le Corbusier, en el número 35 de la rue de Sèvres, por el que pasaron arquitectos de diversas nacionalidades, entre ellos Rogelio Salmona e Iánnis Xenákis.

Palabras clave: Françoise Choay; Le Corbusier; Rogelio Salmona; Iánnis Xenákis.



Introdução

por Priscilla Alves Peixoto

O encontro com os textos de Ingrid Quintana-Guerrero – *Filhos da Rue de Sèvres: os colaboradores latino-americanos de Le Corbusier em Paris (1932–1965)* (2016) e *Origines d'une autre modernité en architecture: deux architectes colombiens à Paris dans la décennie 50* (2008) – ocorreu quando trabalhei no artigo *Por uma leitura situada de urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965)*, de Françoise Choay (2021), ocasião em que realizei também uma curta visita à Fundação Le Corbusier para consultar a troca de cartas entre Choay e Le Corbusier¹. A visita e a interlocução com Ingrid, por sua vez, foram estimuladas por uma colega em comum, Daniela Ortiz dos Santos.

Os textos mencionados de Ingrid Quintana-Guerrero abordam a participação de colaboradores latino-americanos no escritório de Le Corbusier. Em investigações que se centram na produção de Rogelio Salmona, Germán Samper e Reinaldo Valencia, para citar apenas três de uma lista extensa, Ingrid Quintana-Guerrero traz para o debate o tema da autoria em trabalhos coletivos e os processos de transculturação presentes na produção de arquitetos emigrados.

No âmbito de um projeto sobre Françoise Choay, os trabalhos de Ingrid Quintana-Guerrero nos ajudam a lançar luz sobre uma rede de sociabilidade de que a jovem jornalista que escrevia suas primeiras matérias nas décadas de 1950 e 1960 fazia parte. Essa rede envolve seu marido, Jean Choay, galeristas de arte, como Daniel Cordier, além dos próprios colaboradores da agência Le Corbusier, como Iánnis Xenákis, Rogelio Salmona e Lucien Hervé. Ela nos ajuda a pensar também sobre questões que incidiram na mudança de posição de Françoise Choay em relação à obra de Le Corbusier e até mesmo sobre a sua perda de entusiasmo diante da arquitetura moderna em meados dos anos 1960.

No entanto, nesta entrevista, para além de indícios significativos para pesquisadores que desejam aprofundar ensaios prosopográficos que atravessam a vida e a obra de Françoise Choay em meados do século XX, Ingrid Quintana-Guerrero nos oferece também seu próprio testemunho, registros da breve, mas significativa, interlocução que teve com a autora, debatendo justamente aspectos de sua pesquisa. Assim, na entrevista realizada por *e-mail* com Ingrid Quintana-Guerrero, para além das questões já abordadas em sua dissertação de mestrado e em sua tese de doutorado, ela apresenta também sua própria aproximação de Françoise Choay e relata a experiência de tê-la entrevistado no começo dos anos 2000 e de ter discutido com ela aspectos de sua tese.

A entrevista com Ingrid Quintana-Guerrero, publicada junto com a entrevista de Rachid Ouahès, também presente neste dossiê temático, traz insumos para que estudemos a recepção da obra de Françoise Choay para além da França. Sem dúvidas, trata-se de relações que partem do território francês, mas que contribuem para explicitar diferentes tensões estabelecidas em processos de transculturação.

¹ Carta de Le Corbusier à Mme. Françoise Choay (20 de setembro de 1960) e carta de Mme. Françoise Choay a Le Corbusier (16 de novembro de 1960). Fonte: Fondation Le Corbusier, 1960.



Entrevista

Priscilla Alves Peixoto: Você poderia nos apresentar brevemente os seus trabalhos de mestrado e doutorado?

Ingrid Quintana-Guerrero: Ambos os trabalhos correspondem a interesses e fases diferentes da minha trajetória como pesquisadora: o primeiro foi desenvolvido no quadro do meu mestrado em História da Arquitetura na Universidade Paris 1, que defendi em 2008, e o segundo, do meu doutorado, na Universidade de São Paulo, em 2016 (quase uma década mais tarde). Em ambos os casos, é importante mencionar o lugar geográfico no qual eu me estabeleci, porque, sem dúvida, esses lugares foram fatores que impactaram meu olhar sobre os fenômenos estudados. Enquanto no mestrado eu foquei a reconstrução dos anos formativos dos arquitetos colombianos Germán Samper e Rogelio Salmona em Paris (procurando ingenuamente as fontes de “influência” na sua obra, principalmente a corbusiana), no doutorado eu trabalhei uma ideia de horizontalidade nas relações que permitem a circulação de ideias e obras e que configuram formas de produção arquitetônica. Minha dissertação de mestrado foi o insumo fundamental para problematizar a ideia de rede ao redor de um nome canônico da arquitetura mundial (Le Corbusier) e o conceito da identidade individual latino-americana, encarnada por um grupo de jovens arquitetos que procuraram na Europa uma formação holística e que, no caminho, se descobriram como atores profundamente latino-americanos. O ateliê da Rue de Sèvres foi um instrumento para essa descoberta, mas não o ápice.

Priscilla Alves Peixoto: Como se deu a sua interlocução com Françoise Choay no desenvolvimento desses trabalhos?

Ingrid Quintana-Guerrero: Isso aconteceu no verão de 2008, há 14 anos, então a lembrança fica confusa. Entrei até mesmo em uma conta de *e-mail* que já não uso para fazer a arqueologia de, pelo menos, como consegui entrar em contato com ela: acho que foi através de Paul Salmona, o filho mais velho de Rogelio, ou de Jean Dethier, influente curador de arquitetura na França. Choay acabava de publicar um artigo na revista *Urbanisme* (CHOAY, 2007) sobre Salmona, na ocasião da exposição *Rogelio Salmona: espaces ouverts/espaces collectifs*, na *Cité de l'Architecture et du Patrimoine*, como homenagem após o falecimento do arquiteto, em outubro de 2007. Eu fiz uma tradução desse artigo para o espanhol que nunca foi publicada. Nele, fornecia detalhes que não foram muito além da entrevista comigo: sua memória já tinha apagado muitas dessas vivências.

Choay me recebeu duas vezes no seu apartamento, no 6.º Arrondissement. Eu era muito nova para entender a estatura da minha interlocutora. Tinha lido apenas o necessário da sua obra para entender o contexto da sua amizade com Salmona e a relação com o ateliê de Le Corbusier. Ainda conservo a gravação (muito ruim) dessa entrevista. Lembro que, nesse momento, o que me surpreendeu muito foi a admiração com que falava da arquitetura de Salmona, sem nunca ter visitado a Colômbia. Parecia muito entusiasmada por causa da exposição retrospectiva em Paris. Finalmente, ela conseguiu ver algumas das obras em uma viagem que fez a Bogotá em 2012, convidada pela Fundação Rogelio Salmona (eu morava no Brasil nesse momento e não consegui encontrá-la).

Em 2008, Choay foi generosa e pediu que eu lhe enviasse o rascunho da tese. Eu fiz do jeito que os franceses gostam: pelo correio físico. Poucos dias depois, recebi uma ligação dela, muito brava pelas imprecisões do texto, e me pediu para ir de novo a seu apartamento. Eu tremia, porque não fazia ideia do que eu tinha dito que fez com que ela se incomodasse. Choay me recebeu com a cópia do rascunho cheia de correções ortográficas feitas com caneta vermelha (essa cópia eu guardo com carinho), mas o que a tinha horrorizado tinham sido as alusões a ela e à sua família como “elite intelectual” e “burguesia”.

Nos anos que levo pesquisando, já tive de encarar mais de uma vez reclamações desse tipo. Entendi que falar da sua família — especificamente de seu marido, que era um homem de ciência — tinha sido um enorme erro, considerando a conotação pejorativa desse termo no pensamento marxista, que ela conhecia bem e que alimentou trabalhos como *L'Urbanisme, utopies et réalités* (CHOAY, 1965). Contudo, ela e seus amigos eram uma elite, não pelo dinheiro guardado na sua conta bancária, mas pelo privilégio de interagir com atores tão relevantes no contexto cultural parisiense do momento. Além disso, não era qualquer um que morava em Neuilly-sur-Seine... Depois de me contar a história de esforço pessoal do seu marido, ela adotou novamente uma atitude gentil. Tomamos um chá e voltei para casa tremendamente envergonhada. Nunca mais tive contato com ela e tenho quase certeza de que já esqueceu esse episódio.

Priscilla Alves Peixoto: Na sua tese, há uma passagem em que você abordou o papel das *soirées* na casa do casal Choay — Françoise e Jean — e o papel que eles tiveram na socialização de alguns colaboradores do escritório de Le Corbusier, tais como Rogelio Salmona, Iánnis Xenákis e Lucien Hervé. Você poderia nos contar um pouco mais sobre essas *soirées* e seu papel na vida intelectual parisiense do Pós-Guerra?

Ingrid Quintana-Guerrero: Não sei o que aconteceu especificamente nessas *soirées* (imagino que bate-papo político, fofoca e bebida). O que me interessa, de novo, é a rede que se estabeleceu por intermédio do casal: na sua formação filosófica, Choay teve contato com Pierre Francastel, que foi mentor de Salmona na *École des Hautes Études*, e, segundo ela, foi ele que primeiro lhe falou do colombiano. Salmona, por sua vez, conheceu Jean Prouvé graças a Choay, com quem iria trabalhar após encerrar seu serviço no ateliê de Le Corbusier. Era uma rede de artistas — Salmona e Choay, por exemplo, costumavam visitar juntos galerias de arte moderna como a do membro da resistência e *marchand d'art* Daniel Cordier, na Rue de Duras, que exibia obras de expoentes do novo realismo — mas também de pensadores, como o célebre filósofo político François Châtelet e Kostas Axelos, professor da *École Pratique* que defendeu uma tese sobre o pensamento da técnica em Marx. A militância política liberal era o fator aglutinador; algumas linhas da minha dissertação de mestrado desenvolvem o tema.

Priscilla Alves Peixoto: No mesmo trecho, outro aspecto interessante é constatar o interesse por questões trotskistas que Françoise Choay compartilhava com Iánnis Xenákis. Você poderia se aprofundar nesse tema? Saberíamos dizer por quanto tempo eles compartilharam o interesse relatado?

Ingrid Quintana-Guerrero: Xenákis foi um personagem crucial na construção da narrativa do Movimento Moderno pela sua força e ação interdisciplinar, mas acho que a historiografia hegemônica apagou seu nome por um tempo. A diáspora grega foi significativa em Paris durante as décadas de 1940 e 1950 por causa da opressão durante o regime ditatorial de Metaxás, um período de tremenda instabilidade política e decaimento monárquico na Grécia (o próprio Xenákis tinha combatido pelo Exército de Libertação Popular grego, de filiação marxista, na Guerra Civil). Marx também formou o pensamento político de Leon Trotsky, que marcou a divisão ideológica da União Soviética e gerou muita perseguição de intelectuais ao redor do mundo, inclusive na França. O trotskismo era contestatário por natureza e tinha sido uma sombra no ateliê da Rue de Sèvres na chegada de um outro latino-americano: o artista chileno Roberto Matta. A militância de Matta e Xenákis contrasta com a posição estratégica de Le Corbusier de não declarar abertamente alguma filiação política (embora tenha sido apontado por alguns autores, como Xavier de Jarcy, como fascista), visando receber encargos de grande porte tanto dos soviéticos quanto da França de Vichy.

Ignoro os intercâmbios específicos entre Xenákis e Choay ao redor do pensamento trotskista e o tempo



de duração deles. Com certeza, o marxismo alimentou o conceito de utopia na obra dela, entendido dentro do contexto da produção urbana e da transformação do território como instrumento para a liberação social. Por outro lado, Xenákis escreveu um capítulo em *L'Urbanisme, utopies et réalités: "La Ville Cosmique"*. É relevante lembrarmos que Xenákis foi centro de polêmicos episódios na história do escritório de Le Corbusier por causa do escasso reconhecimento autoral (famosa é a polêmica ao redor do Pavilhão Philips para a Feira Mundial de Bruxelas). Imagino que a voz de Xenákis, madura e abertamente crítica diante de Le Corbusier, tenha impulsionado colegas mais novos, como Rogelio Salmona ou o venezuelano Augusto Tobito, a adotar uma distância crítica de seu mestre.

Priscilla Alves Peixoto: Ao realizar minhas pesquisas, tive a sensação de que há uma mudança significativa na maneira como Françoise Choay aborda a obra de Le Corbusier antes e depois da publicação de sua antologia, *L'Urbanisme, utopies et réalités* (1965). Após a publicação, que praticamente coincide com a morte do arquiteto, parece-me que as posições de Françoise Choay ficam mais abertamente críticas às propostas dele. Você observou algo semelhante ou diferente na sua interlocução com ela? E nas suas pesquisas sobre os colaboradores do escritório dele?

Ingrid Quintana-Guerrero: Concordo com sua colocação. O que entendi ao falar com ela e alguns dos seus coetâneos nesse momento foi que Choay, assim como Salmona, era muito nova na década de 1950, e isso não devia ser fácil, tanto pela inevitável admiração que uma figura como Le Corbusier inspira pela sua complexidade (mesmo se não gostar da sua obra) quanto pela intimidação que ele devia provocar. Eles estavam muito perto de um dos mais célebres arquitetos do mundo naquela época, Salmona como subordinado e ela como jovem jornalista de arte no *France Observateur*, contratada por Lucien Hervé para resenhar algumas obras em um livro cujo alvo era principalmente o registro fotográfico. O mesmo aconteceu com Salmona: enquanto Le Corbusier era vivo, acho que o próprio Germán Samper foi mais crítico publicamente, contrastando com as narrativas tradicionais (mesmo a minha) que o situavam como o mais fiel dos colaboradores colombianos de Le Corbusier. Além disso, Choay e Le Corbusier tiveram uma troca de correspondência intensa sobre a concepção das casas Jaoul em Neuilly, que foi documentada por Caroline Maniaque-Benton. Acho que é difícil você criticar alguém com quem você interage de maneira constante e mais pessoal.

Priscilla Alves Peixoto: Para você, quais são ainda as veredas a serem percorridas por futuras pesquisas que desejam se dedicar à relação que Françoise Choay manteve com colaboradores do escritório de Le Corbusier ao longo dos anos 1950 e 1960?

Ingrid Quintana-Guerrero: Não sei se ainda existe material para percorrer novas pesquisas sobre essa relação, nesse período específico. Tatiana Urrea e Cristina Albornoz já fizeram trabalhos muito mais maduros do que o meu sobre Salmona e sua trajetória parisiense que, sem dúvida, também abordaram elementos sobre sua relação com Françoise Choay. Hoje acho mais interessante questionar sua continuidade: se mais contatos diretos aconteceram e, se não, se houve uma comunicação constante, não apenas pessoal, mas no quadro da rede. Principalmente, acho interessante estudarmos qual foi o impacto recíproco desses intercâmbios na produção intelectual e material de Salmona, Choay, Xenákis etc.



Referências

- ALBORNOZ-RUGELES, Cristina. **Rogelio Salmona**. Un arquitecto frente a la historia. Bogotá: Universidad de los Andes, 2019
- CHOAY, F. *L'Urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.
- CHOAY, F. *Rogelio Salmona, une figure exemplaire de l'architecture contemporaine*. **Urbanisme**. Paris, n. 357, p. 86-90, nov.-dez. 2007.
- JARCY, Xavier de. **Le Corbusier, un fascisme français**. Paris : Albin Michel, 2015.
- MANIAQUE-BENTON, Caroline. **Le Corbusier et les maisons Jaoul**. Projets et fabrique. Paris: Picard, 2005.
- PEIXOTO, P. Por uma leitura situada de Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (1965), de Françoise Choay. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. V. 23 (2021): janeiro-dezembro.
- QUINTANA-GUERRERO, Ingrid. **Filhos da Rue de Sèvres: os colaboradores latino-americanos de Le Corbusier em Paris (1932-1965)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- QUINTANA-GUERRERO, Ingrid. **Origines d'une autre modernité en architecture : deux architectes colombiens à Paris dans la décennie 50**. Tesis de maestría, Université Paris 1-Panthéon-Sorbonne, Paris, 2008.
- URREA, Tatiana. **De la calle a la alfombra**. Rogelio Salmona y las torres del parque en Bogotá, 1960. Bogotá: Universidad de los Andes, 2021.

Priscilla Alves Peixoto

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ, 2007); especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2012); e mestre e doutora em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU-UFRJ (2013; 2018). Fez estágio doutoral na École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville [Escola Nacional Superior de Arquitetura de Paris-Belleville] (2016) e foi professora convidada na Université Rennes 2 [Universidade de Rennes 2] (2022). Atua como docente no Departamento de História e Teoria da FAU-UFRJ (2018) e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da mesma instituição (Proarq-FAU-UFRJ, 2021). Integra os grupos de pesquisa Laboratório de Narrativas Arquitetônicas, do Proarq-FAU-UFRJ, e Arquivos, fontes e narrativas: entre cidade, arquitetura e *design*, da Universidade de São Paulo. É autora de capítulos de livros e artigos nas áreas de História do Urbanismo e da Arquitetura, com ênfase em historiografia, biografias intelectuais, acervos e história da crítica.

Contribuição da coautora: entrevistadora e autora da introdução

Ingrid Quintana-Guerrero

Professora do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Design da Universidad de los Andes [Universidade dos Andes] (Uniandes), na Colômbia. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Fauusp) (2012–2016). Mestre em História da Arquitetura pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2007–2008)



[Universidade Paris 1 Panteão-Sorbonne]. Mestre em Crítica Contemporânea da Cultura pela Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis (2006–2007) [Universidade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis]. Diploma em Estudos Aprofundados em Arquitetura e Filosofia pela École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-La Villette (2006–2007) [Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris-La Villette]. Arquiteta pela Universidad Nacional de Colombia [Universidade Nacional da Colômbia] (Unal), sede de Bogotá (2000–2005). Membro do grupo de pesquisa Las Formas de la Producción en Arquitectura [As formas de produção em Arquitetura], na Uniandes, e coordenadora do Observatório da Arquitetura, também na Uniandes. Investiga temas relacionados à história e à historiografia latino-americana moderna e contemporânea, como as formas da produção da arquitetura, a formação do arquiteto e a circulação de ideias, e a construção de teorias do projeto. Atualmente, lidera os projetos de pesquisa Divergencias: arquitectura latino-americana y discursos finiseculares [Divergências: arquitetura latino-americana e discursos do fim do século] e Bauhaus 100 años: reverberaciones latino-americanas [Bauhaus 100 anos: reverberações latino-americanas]. Ambos os projetos já tiveram publicações e exposições com reconhecimento internacional. No doutorado, pesquisou a rede de colaboradores latino-americanos no ateliê de Le Corbusier, em Paris. A pesquisa e o livro resultante dela foram reconhecidos com prêmios e menções honrosas em quatro países.

Contribuição da coautora: entrevistada.

Editores responsáveis: Elane Ribeiro Peixoto, Ana Clara Gianecchini.